

Cetáceos da Ilha da Trindade e Arquipélago de Martin Vaz



A costa brasileira é uma região muito rica em diversidade de cetáceos (baleias, botos e golfinhos), com 47 espécies atualmente registradas no nosso litoral.

Muitas espécies ocorrem em ambientes costeiros, enquanto outras se distribuem no ambiente oceânico, e portanto, longe da costa. Nos últimos anos a fauna de cetáceos tem sido muito estudada. Os estudos estão concentrados, principalmente, em espécies costeiras devido à maior facilidade na coleta de dados e, por isso, são muito bem conhecidas. A região da cadeia Vitória-Trindade é um dos locais menos conhecidos da costa brasileira. Até a criação do PROTRINDADE, quase nenhum estudo sistemático havia sido realizado nesta área visando conhecer melhor a fauna de botos, baleias e golfinhos que habitam a região.

De forma geral, todas as espécies estão associadas a um conjunto de características ambientais que influenciam na sua ocorrência e distribuição. Fatores ambientais como a topografia marinha, a temperatura superficial da água do mar, a produtividade, a salinidade e as correntes marinhas estão diretamente relacionados com a distribuição e abundância destes mamíferos.

A Ilha da Trindade e Arquipélago Martin Vaz formam o conjunto insular mais afastado da costa brasileira. Além disso, eles marcam o limite oriental da Cadeia Vitória-

-Trindade, caracterizada por uma série de montes submarinos longitudinalmente no sentido leste a oeste, seguindo o paralelo 20ºS. O relevo oceânico nesta região portanto, provoca modificações importantes na circulação oceânica, incluindo a ressurgência de águas mais frias e produtivas em um ambiente primordialmente tropical e de baixa produtividade.

Nesse sentido, a Cadeia Vitória-Trindade demarca a transição entre a biota marinha tropical e subtropical no oceano Atlântico Sul Ocidental. Várias espécies de cetáceos foram registradas pelo projeto nas águas da Cadeia Vitória-Trindade, e seu padrão de ocorrência varia de espécie para espécie (Tabela). Algumas parecem ser bem raras nos arredores da Ilha da Trindade, enquanto outras podem ser frequentemente avistadas na região.

Dentre os cetáceos com dentes, ou odontocetos como são conhecidos, o golfinho-nariz-de-garrafa, *Tursiops truncatus* (Montagu, 1821), é facilmente reconhecido pela sua aparência. Possuem tamanho médio (2,5 a 3,5m de comprimento total), corpo robusto, nadadeira dorsal moderadamente falcada, rostró curto e uma demarcação bem diferenciada entre o melão e o rostró. Sua coloração pode variar de cinza a preto no dorso e nas laterais do corpo, com o ventre mais claro. Essa espécie se distribui em todos os oceanos do mundo, em áreas tropicais e temperadas. No Brasil, ocorre ao

longo de toda a costa, com populações residentes associadas a estuários, ilhas costeiras e oceânicas. Podem ser avistados ao longo de todo o ano nas proximidades de Ilha da Trindade, com maior frequência em frente à Praia das Tartarugas e no Parcel das Tartarugas, no sul da ilha. Grupos de até oito indivíduos foram registrados em vários locais da ilha, sendo bem provável que exista uma população residente (Figura 1). Entretanto, estudos mais aprofundados devem ser realizados a fim de averiguar a validade dessa hipótese.

Outro odontoceto registrado, a baleia-bicuda-de-Cuvier, *Ziphius cavirostris* Cuvier, 1823, apresenta o corpo robusto de coloração cinza escuro ou marrom claro, com a cabeça frequentemente pálida e pequenas manchas circulares ou ovais esbranquiçadas espalhadas pelo corpo. As nadadeiras peitorais e dorsal são pequenas, o rostró pouco definido e possuem um único par de dentes ônicos na extremidade anterior das mandíbulas, que nas fêmeas podem não emergir. Esta espécie se distribui em águas temperadas e tropicais ao redor do mundo, porém, como todos os zífídeos (baleias-de-bico) estão entre os cetáceos menos conhecidos uma vez que ocorrem em águas oceânicas e profundas. Até o momento existem dois registros de baleias-bicudas-de-Cuvier enalhadas na Ilha da Trindade. O primeiro ocorreu no ano de 2007 e o segundo, no inverno de 2013.

Deste último, foram coletadas amostras biológicas as quais estão depositadas na coleção científica do Museu de Ciências Naturais (MUCIN) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, sob o número MUCIN 0005, e são de extrema relevância para o entendimento da biologia e ecologia da espécie (Figura 2).

Dentre os mysticetos, cetáceos com cerdas bucais, conhecidos também como baleias-verdadeiras, cinco espécies foram registradas na região. Dentre elas, três merecem destaque. A baleia-jubarte, *Megaptera novaeangliae* (Borowski, 1781), é uma das espécies de baleias mais comumente observada no entorno do arquipélago. Apresenta um padrão de coloração variando entre o preto e o cinza escuro, com manchas brancas irregulares no ventre e nas nadadeiras peitoral e caudal. Indivíduos adultos atingem até 16 metros de comprimento.

A principal característica distintiva em relação às outras baleias são as nadadeiras peitorais longas, que atingem cerca de um terço do tamanho do corpo do animal e apresentam bordas irregulares.

A nadadeira dorsal, localizada na parte posterior do dorso, é pequena e de base larga, assemelhando-se a uma pequena corcunda. O borrifo é relativamente baixo, atingindo três metros de altura. A Ilha da Trindade parece ser uma importante área reprodutiva para a espécie no oceano Atlântico Sul Ocidental.

Entre os meses de julho e setembro, fêmeas com filhotes são comumente avistadas nos arredores da ilha. Registros de

avistagens da espécie ocorrem também em maio, sugerindo que os indivíduos cheguem cedo à Ilha da Trindade, durante a temporada reprodutiva. Os filhotes documentados são pequenos, sendo provavelmente recém-nascidos (Figuras 3 e 4). As composições de grupo observadas nos arredores da ilha são de fêmeas com filhotes, fêmeas com filhotes e escort, grupos de dois a três e indivíduos solitários. São baleias ativas, sendo facilmente reconhecidas por seus saltos, onde retiram cerca de dois terços do corpo para fora d'água.

A baleia-sei, *Balaenoptera borealis* Lesson, 1828, é a terceira maior baleia chegando a medir 18m de comprimento, sendo menor apenas que a baleia-azul e a baleia-fin. O corpo é cinza-escuro, geralmente apresentando o dorso com aspecto manchado. A região ventral é de coloração branca. Possui a nadadeira dorsal alta, falcada e posicionada numa porção mais anterior do corpo quando comparada a da baleia-fin.

Como a maioria dos balenopterídeos (família Balaenopteridae), a baleia-sei se distribui por todos os oceanos (desde a quebra da plataforma continental até áreas mais oceânicas) e realiza migrações anuais de longas distâncias.

É a espécie que se tem menor conhecimento entre as baleias verdadeiras, pois dados sobre sua distribuição, suas rotas e seu padrão migratório ainda são deficientes. No Atlântico Sul Ocidental descobriu-se, recentemente, a área reprodutiva da espécie como sendo a região da Ilha da Trindade e a Cadeia Vitória-Trindade, onde se observou

um filhote recém-nascido acompanhado de um adulto e outros juvenis com adultos (LABSMAR /UFRGS dados não publicados).

A baleia-fin, *Balaenoptera physalus*, (Linnaeus 1758), a segunda maior baleia, apresenta corpo extremamente hidrodinâmico e alongado. A cabeça em forma de "V" apresenta uma única crista rostral. Possui como característica diagnóstica a coloração assimétrica da cabeça, onde a metade direita da mandíbula é branca e a metade esquerda é escura. O restante do corpo pode apresentar coloração desde cinza-azulado, preto ou marrom-escuro no dorso e laterais. A nadadeira dorsal, é alta e falcada, formando um ângulo obtuso (suave) entre a borda anterior e o dorso do animal. A espécie ocorre ao longo de áreas mais oceânicas, além da quebra da plataforma continental. Apresentam um padrão sazonal migratório latitudinal entre as áreas de alimentação próximas das regiões polares, onde ocorrem no verão, e as áreas de reprodução, em médias latitudes, onde ocorrem no inverno. Entretanto, no Oceano Atlântico Sul Ocidental, as principais áreas de concentração invernal da espécie são ainda desconhecidas. No Brasil, a espécie já foi registrada desde o Rio Grande do Norte até o Rio Grande do Sul, como também na região da Cadeia Vitória-Trindade nos meses de maio e agosto. Ainda assim, a baleia-fin não parece ser abundante em nenhum local da costa brasileira, diferente do que se observa nas regiões subantárticas e antárticas, onde é comum a observação da espécie.

O complexo insular Trindade e Martin Vaz constitui a última fronteira em termos



Balaenoptera borealis avistada sobre a Cadeia Vitória-Trindade – Fotógrafo: Ignacio B. Moreno (LABSMAR/UFRGS)



Figura 1. Grupo de *Tursiops truncatus* avistado no Parcel das tartarugas
Foto: Guilherme Frainer (LABSMAR/UFRGS)



Figura 2. Esqueleto de *Ziphius cavirostris* encontrado encalhado na Praia das Cabritas
Foto: Elisa Ilha (LABSMAR/UFRGS)



Figuras 3 e 4 *Megaptera novaeangliae* avistadas na Ilha da Trindade
Foto: Elisa Ilha (LABSMAR/UFRGS)



de conhecimento de biodiversidade marinha na costa brasileira e, por se tratar de uma zona de transição, pode ser considerada uma importante área biogeográfica no que diz respeito à fauna de vários vertebrados do Atlântico Sul Ocidental. Registros singulares foram obtidos desde a criação do PROTRINDADE, dentre eles a presença de filhotes de baleias-sei (*Balaenoptera borealis*) e de baleias-jubartes (*Megaptera novaeangliae*) que foram significativamente afetadas pela caça nos séculos XIX e XX, e a presença de uma população, aparentemente residente, de golfinhos-nariz-degarrafa (*Tursiops truncatus*) que parecem isolados

das demais populações já conhecidas desta espécie na costa brasileira. Além disso, algumas espécies de cetáceos, como por exemplo, o golfinho-pintado-pantropical, *Stenella attenuata* (Gray, 1846), tiveram seus limites longitudinais de ocorrência expandidos, à medida que foi possível amostrar águas oceânicas tão distantes quanto 1.000 km da costa brasileira.

Por Ignacio Benites Moreno - Laboratório de Sistemática e Ecologia de Aves e Mamíferos Marinhos - Labsmar/ Centro de Estudos Costeiros, Limnológicos e Marinhos - CECLIMAR/IB - Departamento Interdisciplinar, Campus Litoral Norte - UFRGS.

Exposição Fotográfica de Cetáceos em Águas Oceânicas

Visando ampliar a divulgação da ciência para a sociedade, o Laboratório de Ecologia e Sistemática de Aves e Mamíferos Marinhos da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (LABSMAR) realizou entre agosto e setembro a exposição fotográfica: Trindade e Martin Vaz | Pesquisa e Conservação em Águas Oceânicas. As fotografias foram obtidas ao longo de 7 expedições científicas do PROTRINDADE, pelo Projeto "A Fauna de Odontocetos do Brasil, Biogeografia e Taxonomia: Subsídios para Conservação". As expedições duraram entre 14 e 150 dias e foram realizadas por alunos e pesquisadores ao longo de 6 anos.

Família	Espécie	Nome comum	Ilha da Trindade e Martin Vaz	Cadeia Vitória-Trindade	Águas adjacentes à cadeia	Tipo de Registro
Balaenopteridae	<i>Balaenoptera bonaerensis</i>	baleia-minke-antártica	X	X	X	avistagem
	<i>Balaenoptera borealis</i>	baleia-sei	X	X	X	avistagem
	<i>Balaenoptera physalus</i>	baleia-fin	X			avistagem
	<i>Megaptera novaeangliae</i>	jubarte	X	X	X	avistagem
Physeteridae	<i>Physeter macrocephalus</i>	cachalote		X	X	avistagem
	<i>Kogia sp.</i>				X	avistagem
Ziphiidae	<i>Ziphius cavirostris</i>	baleia-bicuda-de-Cuvier	X			encalhe
Delphinidae	<i>Pseudorca crassidens</i>	falsa-orca			X	avistagem
	<i>Stenella attenuata</i>	golfinho-pantropical		X		avistagem
	<i>Tursiops truncatus</i>	golfinho-nariz-de-garrafa	X	X		avistagem
	<i>Steno bredanensis</i>	golfinho-de-dentes-rugosos		X		avistagem

Espécies registradas pelo projeto "A fauna de odontocetos no Brasil, biogeografia e taxonomia: subsídios para a conservação" com distribuição na Ilha da Trindade e Martin Vaz, sobre a Cadeia Vitória-Trindade e nas águas adjacentes (águas ao norte e ao sul da Cadeia Vitória-Trindade que foram percorridas pelo projeto).